

A ARTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: CONCEPÇÕES E MATERIAIS DIDÁTICOS FAVORÁVEIS AO ENSINO DE ARTE

Alexsandro da Silva Lima ¹
Vanessa Alves Honorato da Silva ²

RESUMO

Este trabalho surgiu da necessidade de estudar a importância da Arte/Educação na formação da identidade cultural da criança. A pesquisa, assim, buscou fundamentar-se, sobretudo na teoria elaborada por Ana Mae Barbosa sobre a Arte/Educação e estudos sobre a Identidade e Cultural abordado por Paulo Freire em seu livro Pedagogia da Autonomia, ou seja, ambos destacam a importância da Arte e da Cultura na formação da identidade cultural da criança, formando assim, sujeitos críticos, reflexivos e autônomos, diante de suas realidades. A pesquisa também objetivou suprir as lacunas existentes nesse campo de estudo tão pouco pesquisado, pois a Arte e a Cultura Popular são vistas na escola de modo separado, e quando juntas apenas em datas comemorativas ou em uma visão de folclore. Bem como, analisamos as concepções de um professor dos anos iniciais e aqueles embutidos nos materiais didáticos utilizados nas aulas de Arte. Assim, limitamo-nos a dois focos específicos: levantar as concepções de um professor sobre Arte e seu ensino e caracterizar os principais aspectos ligados a Arte/Educação, que se encontram no material didático que este professor utilizava. Diante disso, compreendemos que a prática do educador e sua concepção sobre a Arte e a Cultura, são extremamente importantes para conscientização do estudante sobre a relevância de ambas, ou seja, para o incentivo ao respeito às diferenças e a valorização da diversidade cultural, bem como, para o seu processo de formação como cidadão e para exercer o seu papel na sociedade, de forma responsável e consciente.

Palavras-chave: Arte/Educação, Cultura popular, Formação da identidade cultural, Concepção do Professor.

INTRODUÇÃO

A Arte e a Cultura Popular são temas articulados que deveriam ser valorizados e vivenciados dentro do cotidiano escolar, pois ambos contribuem na formação do cidadão reflexivo e participativo. Ao conhecer a arte produzida em sua própria cultura, o sujeito conhece a si mesmo, percebendo-se como ser histórico, social e cultural, capaz de modificar o futuro e tomar propriedade de suas ideias e concepções, podendo assim

¹ Mestrando em Ciências da Educação da Universidad Del Sol - PY, alexsandrolima16@hotmail.com;

² Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, nessahonorato@hotmail.com.

atuar criticamente, com princípios éticos, superando preconceitos e agindo socialmente para transformar sua realidade.

Contribuindo com esse pensamento, Freire (1996) salienta, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, a importância do reconhecimento da identidade cultural, pois, no processo de ensino e aprendizagem, há o desenvolvimento cognitivo, reflexivo, crítico e criativo, fatores esses que contribuem muito na prática educativo-crítica, para que o sujeito possa “[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicativo, transformador, criador, realizador de sonhos [...]” (p. 46).

Desta forma, a Arte por ser um conhecimento que nos ajuda a interpretar o mundo é parte integrante da cultura, e sua experiencição no contexto escolar, apresenta-se de fundamental relevância como agente transformador da sociedade e na construção do sujeito crítico, reflexivo e autônomo.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa, buscou suprir as lacunas existentes nesse campo de estudo tão pouco pesquisado, pois a Arte e a Cultura Popular são vistas na escola de modo separado, e quando juntas apenas em datas comemorativas ou em uma visão de folclore.

Sendo assim, este estudo configurou-se a partir da questão: Quais as concepções do professor dos anos iniciais e aquelas inseridas nos materiais didáticos utilizados no ensino de Arte, que influenciam a formação da identidade cultural dos estudantes?

Com base neste questionamento, o objetivo geral da pesquisa foi Analisar as concepções de um professor dos anos iniciais e aqueles embutidos nos materiais didáticos utilizados nas aulas de Arte. E de acordo com o objetivo geral, nos limitamos em dois focos a dois focos específicos: 1) Levantar as concepções de um professor sobre Arte e o Ensino de Arte. 2) Caracterizar os principais aspectos ligados a Arte e ao Ensino de Arte que encontravam-se no material didático que este professor utilizava.

Com isso, o objeto de pesquisa é a Arte e a Cultura no processo de ensino e aprendizagem, isto é, a pesquisa nasceu da necessidade de perceber o porquê da falta de incentivo para a Arte e para a Cultura Popular como conhecimentos integrantes do currículo escolar, pois, observamos que neste sentido não há o respeito e a valorização da Arte e da Cultura com práticas pedagógicas e ações nas quais os alunos possam perceber e valorizar o que eles vêm e consideram Arte, e também o que a sociedade considera como Arte e Cultura.

Atualmente, nota-se que a maneira comum de se trabalhar a Arte e a Cultura na escola é com uma forma conservadora, com técnicas e exposições de obras e

objetos de arte de modo descontextualizado, não possibilitando a criação de inteligibilidades e nenhuma valorização e conscientização dos estudantes de que a Arte e Cultura são também importantes para o seu processo de formação como cidadão, ou seja, para exercer o seu papel na sociedade, de forma responsável e consciente.

Desta forma, compreende-se que através da Arte e da Cultura vivenciadas no cotidiano escolar, o sujeito seja capaz de conquistar a sua autonomia, criticidade frente às questões sociais que o cerca, e ser capaz de constituir sua identidade pessoal e coletiva, além de ter isso como uma prática que deve ser vivenciada durante todo o ano letivo, com atividades lúdicas e criativas que oportunizem o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes, que pode favorecer o processo de ensino aprendizagem de modo mais contextualizado.

Nessa perspectiva, Ana Mae Barbosa (1991) propõe que ao se trabalhar com a Arte/ Educação nas escolas brasileiras o ideal seria “[...] a ideia de reforçar a herança artística e estética dos alunos com base em seu meio ambiente [...]” (p. 24), com a finalidade de que os mesmos se apropriem e se familiarizem com os costumes e valores de sua comunidade, tomando-os como elementos relevantes na construção da sua identidade, pois assim poderá se considerar como parte integrante na história da sua localidade e de seu povo, sem é claro, deixar de ter acesso e vivenciar os códigos da cultura erudita, pois esses são conhecimentos culturais dominantes. Como enfatiza Barbosa (1998):

Isto deveria ser o objeto da educação interessada no desenvolvimento cultural. Para alcançar tal objetivo, é necessário que a educação forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações (Id., 1998, p. 14).

Sobre o direito de todo e qualquer cidadão ao acesso a Arte e a Cultura, independentemente de sua crença religiosa, organização política, classe social e econômica, Strazzacapa (2008) acrescenta que “Permitir as pessoas que tenham acesso às diferentes formas de linguagem e, conseqüentemente, aos códigos de interpretação dessas linguagens representa um passo na direção da democratização dos bens culturais, logo da arte” (p. 88).

Com isso, entende-se que democracia não é apenas a participação popular através da representação do voto, mas é também a aquisição da cultura na qual está inserido e a construção da identidade cultural do sujeito.

Então, sendo a Arte e a Cultura fatores que dialogam entre diferentes sujeitos culturais, estas se apresentam de fundamental relevância e com diversas possibilidades de conexão, ou melhor, como uma forma de divulgação e desenvolvimento da cultura popular no contexto escolar, pois possuem uma relação com todos os conteúdos e disciplinas.

A Arte na escola, de acordo com Barbosa (1998), pode ser um meio muito interessante de provocar o diálogo intercultural, partindo do pressuposto de que os grupos humanos são heterogêneos e não homogêneos. Deste modo, a prática do educador e sua concepção sobre a Arte e a Cultura são extremamente importantes para conscientização dos estudantes sobre a relevância de ambas para o incentivo ao respeito às diferenças e valorização da cultura, de modo geral.

METODOLOGIA

A metodologia empregada nesta pesquisa segue uma perspectiva predominantemente qualitativa (OLIVEIRA, 2008), uma vez que a preocupação central é de analisar as concepções de um professor dos anos iniciais e aquelas embutidas nos materiais didáticos utilizados nas aulas de Arte. A análise realizada na pesquisa foi a Análise do Discurso, que segundo Orlandi (2012) é a forma de interpretar o que é dito, considerando também o não dito, bem como, o que dizemos tem relação com o que pensamos e o nosso pensamento está interligado com a linguagem do próprio mundo.

O participante da pesquisa foi um professor de uma escola da Rede Municipal de Lajedo, selecionado a partir dos seguintes critérios: disponibilidade em participar da pesquisa e fazer parte do quadro de funcionários de uma escola municipal dessa cidade.

Dessa forma, imbuídos de princípios éticos, obtivemos o consentimento do participante para o uso de suas falas, assim como foram delimitados os espaços físicos, nos quais foi realizada a pesquisa, mantendo sempre o compromisso de fidelidade às informações obtidas, de modo que a ética e o respeito ao participante prevaleçam.

No presente trabalho, discutimos as concepções de um professor dos anos iniciais, sobre o papel da Arte na formação da identidade cultural dos estudantes e analisamos os materiais didáticos utilizados no ensino de Arte desse professor.

Diante disso, a pesquisa de campo foi realizada nos dias 10 de julho de 2015 e 04 de dezembro de 2015, as sextas-feiras, pois as aulas de Arte eram nesse dia, em uma escola localizada no município de Lajedo, no horário de 07h 30min. a 11h 50min.

Como já citado os dados foram coletados por meio da observação de uma aula de Arte ministrada pelo professor e através de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, feitas com o professor participante da pesquisa.

Inicialmente, a aula foi observada apenas no primeiro dia de visita (pois, no segundo dia, as crianças estavam realizando provas finais, então, no segundo dia observamos apenas os materiais didáticos utilizados nas aulas de arte, como: imagens impressas, cartazes e produções dos estudantes).

Assim, durante a observação realizada no primeiro dia, seguimos um roteiro pré-elaborado, visando observar a aula de Artes que aconteceu depois do recreio as 10h19.

Durante os dois dias de visitas, fizemos com o professor as entrevistas: semiestruturada e estruturada, na hora do recreio (as 10h00), com o foco de conhecer suas concepções sobre Arte o Ensino de Arte, os materiais utilizados por ele durante suas aulas, entre outros aspectos.

Entretanto, percebemos que durante a primeira entrevista (semiestruturada) ainda não tínhamos uma relação muito aprofundada com o entrevistado, bem como, com o universo da pesquisa. Com isso, as respostas obtidas por muitas vezes, foram um tanto vagas e superficiais.

Porém, na segunda entrevista (estruturada), já conhecíamos mais o professor entrevistado, tínhamos observado a uma aula dele, nos aprofundamos mais nas leituras sobre o tema da pesquisa e fizemos um roteiro de perguntas muito mais elaborado e completo, com questões sobre: sua formação acadêmica, tempo de atuação em sala de aula e as turmas em que atua e já atuou, como eram as aulas de Arte em seu tempo de escola, os teóricos em que se baseava, sua concepção sobre Arte e Cultura, entre outras questões.

Deste modo, optamos por utilizar em nossa análise apenas as respostas e dados da segunda entrevista (estruturada), tendo em vista que, ela estava mais completa para contemplar os objetivos e responder a pergunta de nossa pesquisa.

Assim, após as visitas, analisamos os dados coletados com as observações e entrevistas, verificando e identificando as concepções do professor e os materiais utilizados nas aulas de Arte, tendo como base também na análise, as referências teóricas pesquisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise desse trabalho foi realizada a partir do pensamento de Orlandi (2012) que ressalta a análise de discurso como uma ciência não exata, sendo assim, uma ciência de interpretação, isto é, na análise do discurso a linguagem não é transparente, pois ela não visa apenas transmitir informação, mas ela guarda sentidos- visões de mundo- que podem ser interpretados.

Nessa perspectiva, a autora diz que:

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (ORLANDI, 1996, p.9).

Nesse sentido, a autora diz que o discurso é o “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia” (p. 17). A autora ainda ressalta sobre a linguagem que: “[...] nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo [...]” (ORLANDI, 2012, p. 37). Isto é, o discurso carrega em si as experiências, ideologias e concepção de mundo de uma pessoa, o que interfere no seu discurso e no modo de compreender e interpretar a sua realidade.

Nesse sentido, a Análise de Discurso possibilita de forma efetiva que os leitores se situem melhor no confronto com “a linguagem e, por ela, com o mundo, com os outros sujeitos, com os sentidos, com a história” (ORLANDI, 2012, p. 11), facilitando assim, na compreensão das ideologias e concepções do professor participante da pesquisa, sobre a Arte na formação da identidade cultural de seus estudantes.

Nessa perspectiva, de acordo com o primeiro objetivo da pesquisa, isto é: levantar as concepções de um professor sobre a Arte e o Ensino de Arte. Para tanto, realizamos uma entrevista estruturada, afim de conhecer mais sobre suas experiências pessoais, tais como: suas memórias significativas das aulas de Arte na infância e na sua formação acadêmica. E do ponto de vista de suas experiências profissionais, tais como: de que modo elaborava suas aulas de Arte, quais as dificuldades enfrentadas nesse processo, as principais teorias em que se fundamentava, suas concepções sobre a Arte e a Cultura.

Já com relação ao segundo objetivo que foi caracterizar os principais aspectos ligados a Arte e ao Ensino de Arte que encontram-se no material didático que esse professor utilizava, também recorreremos a entrevista e a observação para conhecermos as relações existentes entre a prática pedagógica e as concepções desse professor. Assim, interpretar como se dava o Ensino de Arte, sua prática e importância para a formação da identidade cultural dos estudantes.

LEVANTAMENTO DAS CONCEPÇÕES DE UM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE ARTE E O ENSINO DE ARTE.

Nesse primeiro tópico abordamos o primeiro objetivo da pesquisa realizada que foi fazer o levantamento das concepções de um professor do ensino fundamental sobre Arte e o Ensino de Arte, para tanto, interpretamos o discurso desse professor, através da entrevista estruturada realizada.

Realizamos a nossa pesquisa em uma escola municipal, situada na periferia de Lajedo, na qual o professor entrevistado atuava a 1 ano na turma do 1º ano, turma que realizamos as observações. Essa turma era composta por 27 estudantes, estando presente no dia da observação apenas 18 estudantes. Essas crianças moram em uma comunidade muito pobre de um bairro considerado muito perigoso, distante do centro da cidade.

O professor também já atuou durante 1 ano em duas escolas públicas no município de Garanhuns, do 1º ao 4º ano e já atuou durante a disciplina de Estágio, na sua graduação em Pedagogia, na Educação Infantil. Sua formação inicial foi no Ensino Médio, depois fez Licenciatura em Pedagogia (UFRPE) e atualmente está fazendo uma graduação em Design (UFPE).

Nossa formação pessoal, seja ela psicológica, afetiva, cognitiva ou conceitual, depende de nossas experiências, memórias e nosso contexto social. Por isso, para compreendermos a concepção desse professor precisamos conhecer suas memórias pessoais e profissionais. Assim, através de uma entrevista estruturada realizada com o professor, perguntamos:

❖ Como eram as aulas de Arte quando você era estudante? Faça um breve relato.

“Na época que eu estudada eram aquelas aulas bem batidas, que a pessoa encontra em quase todo canto ainda: que era cor e desenho, recortar, colar bolinhas de papel, essas

coisas, mas eu gostava das aulas, pois era o único momento que a pessoa tinha, mesmo dessa forma mais contida, de exercitar a criatividade. Mas, eu me lembro até hoje que era na sexta-feira e era um momento de alegria, então a gente mesmo daquela forma errada, digamos assim, era um momento de expressão da gente, que a gente conseguia se sentir mais livre para expressar nossas ideias”.

Com a fala desse professor, podemos perceber que as aulas de Arte não eram muito valorizadas e que as atividades desenvolvidas não faziam nenhuma contextualização com a realidade dos estudantes, bem como, pouco estimulavam a criticidade, autonomia e criatividade dos mesmos, pois disponibilizavam poucos materiais, segundo o professor, com atividades muito simplórias, provavelmente sem nenhuma fundamentação teórica, era o fazer pelo fazer, vinculado a concepção de Educação Artística (a Arte como atividade).

Nesse relato ainda podemos perceber que as aulas eram aconteciam na sexta-feira, não muito diferente da nossa realidade hoje (falo por experiência própria como professora), na qual as aulas de Arte, ainda acontecem no último horário da sexta-feira, sendo um dos poucos momentos em que as crianças podem se expressar, quando podem.

Essa prática, priva os estudantes de conhecerem sua própria cultura e de se reconhecerem como ser histórico, social e cultural, transformador de sua realidade. Entretanto, segundo nosso entrevistado, esse ainda era um dos únicos momentos de alegria, criatividade e que segundo ele, “[...] *conseguia se sentir mais livre para expressar nossas ideias”.*

O que não foi dito, mas é possível perceber no discurso desse professor, é que mesmo com uma aula de Arte “tão pobre e sem fundamentos”, se podemos assim dizer, esse professor gostava delas e esses momentos o marcaram, de modo que ele conseguia se “sentir livre” para expressar suas ideias, o que significa um dos princípios da Arte/Educação, o fazer artístico (criação).

Em seguida, perguntamos ao professor:

❖ ***Hoje, a partir da sua formação no curso de Pedagogia, como você vê que as aulas de Arte eram antigamente?***

“Elas não estimulavam a criticidade, e muito pouco a criatividade. Eu me lembro no Ensino Fundamental, acho que foi na primeira série ou segunda série, que era uma coruja pra colorir mesmo, e eu pintei a coruja toda colorida, aí a professora questionou como assim, uma coruja toda colorida? E eu disse eu pintei nas cores do arco-íris. Pra você vê que era cortado e é cortado ainda hoje, essa criatividade nas crianças. [...] a criança não podia se expressar nem através das cores na pintura [...]”.

A memória desse professor, nos mostra que mesmo após sua formação acadêmica, ainda considerava errôneas as aulas de Arte que teve, pois, as mesmas, não consideravam o estudante, nem tão pouco sua criatividade e forma de pensar, eram dadas atividades, nas quais, os professores já sabiam o que esperar dos educandos, sendo essas, predefinidas, sem o objetivo de trabalhar com a criatividade e a criticidade deles.

Porém, sabemos que o professor deve considerar e respeitar os conhecimentos prévios dos estudantes, bem como, vê-los além de meros receptores de conteúdos, mas como seres pensantes, construtores de seu conhecimento e consequentemente de sua história (FREIRE, 1996).

Por meio dessa fala, podemos perceber ainda que esse professor gostava muito das aulas de Arte, expressava-se através das cores, quando lhe era permitido, e se sentia livre nos momentos que trabalhava com sua criatividade. Assim, mesmo de modo rudimentar, a Arte tinha uma grande influência e importância na vida dele. Tanto que no curso de Pedagogia ele fez seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no campo da Arte/Educação e atualmente está concluindo seu curso de Design na UFPE.

Não chegamos a questionar durante a entrevista se houve algum educador de Artes que o marcou, de uma forma positiva ou negativamente, mas no seu discurso ele acabou citando uma professora que o marcou de modo negativo, entretanto, o motivou por outro lado, a questionar, por que ele não poderia pintar a coruja colorida?

Sobre isso, continuamos a entrevista perguntando:

❖ **Qual a importância da disciplina para você? Por quê?**

“Considero Arte criar, uma disciplina muito importante, não a mais, acho que ela engloba tudo e ela vai desenvolver muito essa parte crítica na criança, além da criatividade vai exercitar a mente, pois eu acho que a Arte abre o olhar da criança pro mundo. Uma criança que tem uma aula de Arte bem dada, ela não vai ser um adulto

que vai aceitar as coisas dadas como prontas... não! Ela vai questionar, ela vai ter outra visão do mundo que nos rodeia”.

Entendemos nessa alocução, que a Arte é (sim) importante nas aulas desse professor, ele não a ver como a mais importante, porém, como uma disciplina que junta todas as outras – que exige um gesto interdisciplinar – de modo a possibilitar o questionamento diante de qualquer situação complexa que o estudante se depare. Isto é, através da Arte é possível desenvolver diversas relações de conhecemos nos estudantes, como: autonomia, percepção, imaginação e criticidade frente as questões de sua sociedade, de modo a mudar a forma de enxergar a sua realidade (BARBOSA, 1998).

Continuando a discussão, perguntamos ao professor:

❖ **Como são suas aulas de Arte? (Enquanto pedagogo e enquanto professor de Arte nos anos iniciais)**

“As minhas aulas de Arte embora tenham o bendito do Fluxo (Planejamento do Município) que a gente tem que seguir à risca, se não é cobrado, eu tento escapar, trazendo artistas pernambucanos e internacionais também, como na aula que você viu de Modigliani, e eu vou tentando mostrar que aquilo é acessível a eles, porque às vezes a gente pensa a Arte como uma coisa superior, que está lá na galeria, intocável, mais não! Eu tento mostrar que a Arte é da nossa cultura, é feita pelo povo, e eu tento mostrar que é acessível. Não gosto de dá pintura escaneada ou impressa para eles colorirem não, realmente eu sigo a Abordagem Triangular de Ana Mae”.

Como podemos ver no discurso do professor, em suas aulas, ele trabalhava artistas que fazem parte da cultura popular e artistas que fazem parte da cultura erudita, mostrando aos estudantes que eles podiam ter acesso a Arte e a Cultura em suas diversas formas de manifestações e em diferentes contextos. Bem como, ele tentava mostrar que as galerias de arte não são “intocáveis”, inacessíveis aos estudantes, mas que a Arte pode ser produzida por qualquer pessoa, de qualquer classe social, assim como, pode ser significada por qualquer pessoa, de qualquer classe social.

Nesse sentido, nós recordamos da história contada por Barbosa (1998), em seu livro *Tópicos utópicos*, sobre um garotinho de 12 anos, muito pobre, não apenas de dinheiro ou de moradia, mas de conhecimentos sobre a Arte, que ao ser apresentado

pela primeira vez a obras de arte, questiona: “[...] por que nunca ninguém me falou sobre arte abstrata? Gostei muito de entender isso” (BARBOSA, 1998, p. 36).

Através desse discurso, podemos perceber que o direito ao conhecimento, seja de qualquer natureza, ou área, por muitas vezes são negados aos estudantes, seja por ideologias preconceituosas, ou por falta de conhecimento dos professores.

Corroborando com esse pensamento a autora cita que o “Acesso ao código erudito, que é o código do poder, é essencial para a ascensão de classe [...]” (BARBOSA, 1998, p.45), pois ao ter contato com outras culturas, além da sua, a criança amplia o seu conhecimento de mundo.

Durante a entrevista o professor também citou que utilizava um fluxo que direcionavam suas aulas. Nesse sentido questionamos:

❖ **Esse fluxo que você diz que segue é a Proposta do Município? Quais são os eixos e conteúdos que tem nele, sobre Artes?**

“Sim é a proposta do município. Normalmente eles dividem as quatro vertentes: música, dança, artes visuais e teatro. Mas, eu acho complicado, porque a gente não é capacitado para trabalhar nessas quatro áreas”.

Neste discurso, percebe-se a angústia desse professor por não conseguir trabalhar com essas “quatro áreas” de conhecimento, ele não se sente capacitado, pois não teve uma formação específica para cada uma das linguagens.

Desse modo, compreendemos que a formação docente é fundamental para a prática educativa, pois o professor precisa conhecer e dominar os conteúdos e áreas de conhecimento que trabalha em suas aulas, bem como, a formação contribui para a reflexão crítica sobre sua própria prática pedagógica, de modo que será capaz de perceber seus erros e acertos, e transcender sua ação pedagógica para a práxis verdadeira, aperfeiçoando assim, sua forma de pensar e agir docente.

❖ **Você já leu alguma coisa sobre Paulo Freire?**

“Sobre Paulo Freire eu li o “Oprimido”, que me ajudou a ver essa questão mais crítica e reflexiva, da Cultura e da Arte, principalmente em tentar desenvolver essa questão crítica nas crianças. Eu me lembro até hoje do “Oprimido” que ele (Paulo Freire) diz:

“Por que você mora na beira de um córrego e não questiona? Por que você mora na beira desse córrego, que tá ali, cheio de doenças? A educação ela é feita para você não questionar o que lhe é dado!” Eu lembro disso até hoje, isso é muito forte pra mim, eu tento a partir disso não dar uma educação de aceitação, mais sim, de questionamentos. Não só na aula de Artes mais em todas as outras”.

Com esse discurso, podemos observar mais ainda o empenho deste professor para desenvolver nos seus estudantes essa criticidade, frente as questões sociais de sua sociedade. Assim, a visão que o professor tem de mundo, com certeza irá refletir em sua prática, bem como, será transmitida para seus estudantes através de seu discurso, assim como ressalta Freire (1996) que “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição a do educando por si mesmo”. (p. 42).

Bem como, essa ação educativa somente acontece a partir da relação e do reconhecimento da identidade cultural de ambos, do diálogo que os fazem refletir sobre o seu papel como sujeitos sociais, pois o professor e os estudantes, nessa relação prática educativo-crítico, se assumem e se constroem como seres sociais, históricos, comunicativos e transformadores de sua realidade (FREIRE, 1996).

Isto é, a prática educativo-crítica visa fazer com que os estudantes sejam críticos diante de sua realidade: problematizando-a e questionando-a. O professor por sua vez, tem o dever de motivar e estimular a curiosidade de aprender dos educandos, mediando esse acesso aos conhecimentos (FREIRE, 1996).

Visando compreender mais sua visão de Arte/Educação e a abordagem de ensino que esse professor utilizava, questionamos:

❖ Como os estudantes são avaliados nas aulas de Arte?

“Normalmente eu não gosto de avaliar. A gente tem que avaliar porque é cobrado da gente, mas, quando eu percebo que o estudante tá entusiasmado com aquilo, que está conseguindo entender de fato, que faz uma produção depois, associada com o que a gente está mostrando, que seja dele mesmo, eu acho que aí, essa é a avaliação. É complicado avaliar em Arte. Eu tento ver se eles estão interagindo com as aulas, se aula esta tocando em alguma coisa neles, se deixou marcas pra mim está válido”.

Como podemos perceber em seu discurso, esse professor não gostava muito de avaliar na disciplina Artes, fazia uma avaliação convencional para a instituição, mas, o seu intuito era uma avaliação mais profunda, na perspectiva da Arte/Educação, percebendo se “[...] o estudante está entusiasmado com aquilo, que está conseguindo entender de fato, que faz uma produção depois, associada com o que a gente está mostrando, que seja dele mesmo [...] se eles estão interagindo com as aulas, se aula esta tocando em alguma coisa neles, se deixou marcas pra mim está válido”.

Bem sabemos que avaliar o desempenho dos estudantes nos mais diversos conteúdos e áreas de conhecimentos é algo muito complexo e difícil, ainda mais, avaliar em Artes: se a criança compreendeu o conteúdo, está interagindo e suas produções, isso é algo muito subjetivo e de cada um dos estudantes, pode ser que ela não demonstre que compreendeu o conteúdo, mas interagiu, ou fez alguma produção, e vise-versa.

Assim, o mais relevante não é a avaliação em si, porém, de acordo com Freire (1996):

A verdadeira aprendizagem é aquela que transforma o sujeito, ou seja, os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos e, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos, emancipados, questionadores, inacabados. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (p. 26).

Nessa perspectiva, os educandos e educadores são mais importantes no processo de ensino- aprendizagem do que apenas avaliar por avaliar, o que exige para tanto, que ambos participem ativamente dessa construção de conhecimentos, de modo que essa aprendizagem seja mais significativa quando todos se constroem e se reconstroem.

Continuando a entrevista, perguntamos outro aspecto relevante do ensino de Arte:

❖ **Você sente que as aulas de Arte são desvalorizadas, em relação às demais disciplinas?**

“Sim, pois no calendário da semana ela é a última aula sempre, desde que eu estudo, desde que eu era estudante é na sexta-feira no último horário, o menor horário é pra aula de Arte. E muitos professores inclusive, não conseguem dá, pois quando vem dar

as matérias ditas mais importantes, acabam deixando Artes por último. E sexta feira é Ciências, Português e Arte, é complicado e sempre tem que dá as três disciplinas e Artes sempre é a última e a mais desfavorecida. Aí eu corto essas outras duas e dou Arte por mais tempo. Em todas as escolas é a mesma coisa com as aulas de Arte”.

Em seu discurso, o professor relata algo muito pertinente e atual, que é a desvalorização das aulas de Arte, deixadas por último no horário, as sextas-feiras e depois de todas as disciplinas, ditas importantes. Mas, o professor entrevistado, ao contrário do que viu muito acontecer quando era estudante e até hoje, prioriza as aulas de Arte, pois sabe que elas são importantes para o desenvolvimento dos seus estudantes.

CARACTERIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS ASPECTOS LIGADOS A ARTE E AO ENSINO DE ARTE QUE ENCONTRAVAM-SE NO MATERIAL DIDÁTICO QUE ESSE PROFESSOR UTILIZAVA

No segundo tópico abordamos, o segundo objetivo da pesquisa realizada, que foi: Caracterizar os principais aspectos ligados a Arte e ao Ensino de Arte que encontravam-se no material didático que esse professor utilizava, para tanto, utilizamos a observação de uma aula, na qual os materiais didáticos foram utilizados, fotos dos mesmos, e a entrevista estruturada, para conhecermos as relações existentes entre a prática pedagógica e as concepções deste professor, bem como, interpretamos como se dava o Ensino de Arte, sua prática e importância para a formação da identidade cultural dos estudantes.

Realizamos a observação da aula, seguindo um roteiro pré-elaborado, para caracterizar os principais aspectos da aula ligados a Arte e seu ensino, assim como os materiais que o professor utilizava nesse processo.

A turma na qual realizamos a pesquisa foi a do 1º ano, tendo como participantes da observação, 18 estudantes (de um total de 27 estudantes na turma) e o professor participante da pesquisa (antes do final da aula um aluno fugiu e outro foi ao médico, terminando a aula com 16 estudantes).

A observação da aula aconteceu no dia 10 de julho de 2015 e dos materiais e produções dos estudantes aconteceu no dia 04 de dezembro de 2015. A aula de Artes em questão, iniciou as 10h19min., após o recreio e terminou as 11h50min.

A sala de aula, na qual aconteceu as observações, era uma sala pequena, com muitas cadeiras, em um espaço improvisado, pois a sala era dividida ao meio para duas

turmas, o quadro era de giz, porém, apesar de simples, era um espaço que tinha muitas produções dos estudantes e cartazes com diversas informações, como: quadro silábico, alfabeto, gêneros textuais, quadro numérico, cantinho da leitura, informações sobre o meio ambiente e cuidados pessoais (nada muito exagerado), conteúdos informativos, propícios para o processo de ensino e aprendizagem, bem como, tinha uma janela que dava visão para a rua e o parque, favorecendo um ambiente claro e acolhedor.

Podemos constatar durante a observação que a turma tinha uma rotina diária, sendo essa: a chegada, a acolhida dos estudantes, a 1ª aula (atividade no quadro e a correção com os estudantes), o recreio, a 2ª aula (atividade- produção dos estudantes), a atividade para casa e o encerramento da aula.

No dia da observação em questão, foram ministradas as aulas de Português (no primeiro horário) e Artes (no segundo horário), os assuntos abordados durante as aulas forma: sílaba inicial, intermediária e final (em Português) e leitura e produção de obras de Arte (em Artes), com a contextualização, a leitura da obra e fazer artístico (BARBOSA, 1996).

A metodologia utilizada na aula, foi bem simplória, por causa dos materiais e recurso que o professor dispunha, sendo essa explanação através de: imagens impressas de obras de Arte, explicação oral, leitura visual das obras (juntamente com os estudantes), contextualização das obras com a realidade das crianças e produção de desenhos, em folhas de ofício.

Nessa perspectiva sobre suas aulas, questionamos ao professor:

❖ **Quais os materiais que você utiliza nas aulas?**

“Eu trago tinta, folhas para criações artísticas, lápis de cor, trago reprodução das imagens, às vezes vídeos de outros artistas e a biografia deles. Eu trabalho mais com imagens, que é o que eu me sinto mais preparado para lidar”.

Observamos na aula de Arte proposta, que o professor realmente utiliza materiais diversos, quando disponibilizados pela escola, seguindo a linha de Abordagem de Ana Mae Barbosa, com a leitura de imagem, na linguagem das Artes Visuais, que era a “área” que ele se sentia mais preparado para trabalhar.

Na aula em questão, o professor trabalhou o artista **Amedeo Modigliani**, através de imagens impressas das obras de arte deste artista.

Nessa perspectiva, nos sentimos instigados a perguntar:

❖ **Em sua aula, você trabalhou as obras do artista Modigliani. Por que você escolheu esse artista? Como você trabalhou?**

“A escolha deu-se por se tratar de obras de artes diferentes, atuais e para fugir da figuração, do realismo que se tem em mente ao se falar em obras de Arte. Falei da vida do artista, das questões que tratam suas obras de arte, contextualizando com a realidade dos estudantes, depois eles fizeram suas produções”.

Como podemos interpretar de seu discurso e das nossas observações, esse professor trouxe para sua aula um artista internacional, que consideramos aqui como parte da cultura erudita, porém isso, não desmereceu em nada o seu trabalho, pelo contrário, elevou o nível de conhecimento dos estudantes e seguiu a proposta de Barbosa (1998) e Freire (1996), que para compreendermos a nossa cultura precisamos conhecer a Arte presente nela, bem como, as diversas manifestações artísticas e culturais de outros países, para a formação da nossa própria identidade social e cultural.

Corroborando com esse pensamento, Barbosa ressalta, que: “A mobilidade social depende da interrelação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais e o entendimento do mundo depende de uma ampla visão que integre o erudito e o popular” (BARBOSA, 2002, p. 20).

Com isso, é importante destacar que esse professor não negou o acesso a outras culturas, por parte de seus estudantes, ele não pensou que os estudantes não conseguiriam interpretar aquelas obras de arte e produzir as suas próprias obras, de acordo com suas realidades. Este educador, proporcionou em sua aula o acesso e contextualização das obras de Arte, mostrando-as aos estudantes, explicando quem era aquele artista, o ano que as obras foram feitas e por que foram feitas, bem como, desenvolveu junto com os mesmos, a leitura das obras, e por fim, pediu aos estudantes, que fizessem suas próprias produções.

A obra que os estudantes mais se identificaram e mais focada na aula foi a obra “Paisagem” (1919), na qual o artista Modigliani desenhou um dos lugares na França, que havia passado suas férias, e os estudantes por sua vez, em suas produções, desenharam o lugar onde eles moravam e/ou o lugar onde eles queriam morar. Houve no decorrer da aula uma grande discussão e interpretação das obras, na qual, tanto o professor trouxe informações do autor e das obras, quanto, ambos fizeram a leitura e contextualização das mesmas.

Assim, houveram durante a aula momentos pontuais, nos quais o professor iniciou a aula abordando o conteúdo, através de explanação oral (falando das obras e do artista Modigliani) e utilizando imagens das obras (foto de Modigliani, Retrato de Cristina e Paisagem), fazendo a leitura das mesmas, com os estudantes, assim como, fez perguntas a eles sobre o que tinham nas pinturas, como por exemplo: Por que a moça do retrato tinha uma expressão triste? O que tinha acontecido com ela? O que ela era do pintor? A roupa que ela usava tinha cores quentes ou frias? O que tinha na paisagem? Como eram as cores e os traços que o artista utilizou? Mostrou algumas características das pinturas daquele artista, que pintava mulheres de olhares tristes e com pescoços longos, entre outras perguntas. E os estudantes por sua vez, fizeram mais perguntas sobre o artista e suas obras.

Ainda foi proporcionado durante a aula, momentos nos quais, os estudantes expressaram suas opiniões e conhecimentos prévios durante as discussões, fazendo relatos do lugar onde moravam, como era, o que tinha, o que faltava e como eles gostariam que fossem e esse momento foi de muita interação entre eles.

Já atividade de produção foi um momento mais individual, porém de grande entusiasmo, onde os estudantes expressaram sua criatividade de forma autônoma, demonstrando também, muita criticidade ao desenharem o lugar em que moravam, uma comunidade muito pobre e discriminada.

Nessa perspectiva, destacamos a relevância de ir além, do trabalho em sala de aula, da leitura de palavras, é fundamental trabalhar também com a leitura das imagens presentes no mundo em que vivemos. Mas, para tanto, essa leitura exige a educação do olhar, não apenas ver, mas realmente atribuir sentido (s) ao que estamos vendo (PILLAR, 2002), pois a partir do trabalho desse olhar, as crianças poderão questionar a sua realidade, assim como aconteceu na aula deste professor.

Com isso, é preciso que o professor trabalhe com atividades, nas quais, possibilite a leitura de imagens em seus diversos aspectos, como: cores, formas, ritmos, gramática visual e estrutura, despertando assim, o pensamento crítico da criança sobre a imagem observada (BARBOSA 2002 apud PILLAR 2002). Bem como, é importante trabalhar de modo contextualizado, estabelecendo relações entre os conhecimentos abordados e a realidade dos estudantes.

De acordo com Barbosa (1998):

[...] a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade. [...] É através da contextualização que se pode praticar uma educação em direção à multiculturalidade e à ecologia, valores curriculares que definem a pedagogia pós-moderna [...]. (p.38)

Assim, através da contextualização é possível construir conhecimentos, sejam eles subjetivamente e/ou socialmente construídos, a contextualização favorece na construção do conhecimento de forma crítica e reflexiva da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte na escola, sempre foi uma disciplina desvalorizada e desconsiderada ao longo dos anos, vivemos isso no nosso tempo de escola, assim como, ainda vivemos até hoje.

Nesse sentido, essa pesquisa nasceu da necessidade de entender por que a falta de incentivo para a Arte e para a Cultura Popular, como conhecimentos integrantes do currículo escolar, pois ainda notamos que quando trabalhadas na escola, são utilizadas atividades e técnicas conservadoras e descontextualizadas, que não valorizam a criatividade, a autônima e senso crítico dos estudantes.

Outra questão relevante, é que a Arte e a Cultura Popular sempre foram vistas como conhecimentos desarticulados e sem importância para a formação das crianças, apenas mais uma disciplina, mais uma área de conhecimento, que quando juntas, eram vistas apenas numa visão de folclore ou em datas comemorativas.

Entretanto, podemos perceber e estabelecer durante nossa pesquisa, como esses conhecimentos são fundamentais para o processo de formação de cidadãos, conscientes, para exercer o seu papel na sociedade, de forma responsável e ativa, de modo a mudar sua realidade.

Nessa perspectiva, quando a criança conhece a Arte produzida por sua própria cultura, ela conhece a si mesmo, percebendo-se como ser histórico, social e cultural, capaz de modificar o futuro, bem como, esse conhecimento ajuda a interpretar o mundo em que vivemos.

Com isso, destacamos também, a relevância da concepção do professor para que a Arte e a Cultura sejam valorizadas e respeitadas no âmbito escola, com práticas pedagógicas e ações, nas quais, os estudantes possam ter acesso a esses conhecimentos.

Pois, se o professor participante da pesquisa, assim, como outros professores em seus contextos escolares, não achasse que a Arte na formação da identidade cultural

fosse importante e não a trabalhasse de forma efetiva, isso não seria tão cobrado dele, como as demais disciplinas, alfabetizadoras.

No entanto, antes dos professores e estudantes estarem preparados para explicar a relevância da Arte na educação, precisam compreender sua função como construtora e formadora deles mesmos e de sua sociedade (BARBOSA, 1975).

Nesse sentido, ao serem propostas atividades que envolvam as três vertentes da Proposta Triangular, que são: o fazer artístico, a leitura de obras de arte e a contextualização (BARBOSA 1998), os estudantes da pesquisa puderam refletir sobre sua realidade e terem acesso, tanto aos conhecimentos que fazem parte da cultura popular, como aos que fazem parte da cultura erudita, mostrando aos mesmos, que a Arte é do povo e produzida pelo povo.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa, buscou suprir as lacunas existentes nesse campo de estudo tão pouco pesquisado, pois acreditamos ser extremamente importante, ampliarmos a discussão sobre a Arte e a Cultura, em suas diversas formas de manifestações, como conhecimentos fundamentais que devem ser trabalhados nas escolas, bem como, a necessidade de uma reestruturação curricular, que não apenas contemple esses conhecimentos, mas que realmente reforcem que eles são fundamentais na formação dos estudantes.

Concluindo, na perspectiva da Arte/Educação, o ideal seria que nas escolas brasileiras fosse reforçado a “herança artística e estética” dos estudantes (BARBOSA, 1991), pautada em seus conhecimentos prévios e em sua realidade social, visando com que eles se apropriem e se familiarizem com os costumes e valores de sua comunidade, tomando-os como elementos relevantes na construção da sua identidade, pois assim, poderão se considerar como parte integrante na história da sua localidade e de seu povo.

Deste modo, essa pesquisa proporcionou momentos de muitas aprendizagens, práticas diversas e reflexões, contribuindo de forma positiva para a articulação da teoria e da prática, onde as mesmas devem estar articuladas colaborando assim para que todo o processo de ensino e aprendizagem se dê de forma positiva. Envolvendo contextos culturais e históricos a cerca da realidade da escola, colaborando para novas formas e metodologias de ensino, valorizando o ensino da arte.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Teorias e práticas da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

_____. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos de 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. (Org.) **A arte/educação como mediação, cultura e social**. São Paulo: Editora UNESCO, 2009.

_____. (Org.). **Abordagem triangular: no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2012.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia. A arte do espetáculo vivo e a construção do conhecimento: vivência para aprender. In: FRITZEN, Celdon e MOREIRA, Janine (org.) **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

VASCONCELOS, Edjar Dias de. **O que é o desconstrutivismo**. São Paulo, out. 2013. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-que-e-o-desconstrutivismo/113989/>>. Acesso em: 15 set. 2016.